



## A Tradução Intra-semiótica<sup>1</sup>

Paulo José Veras GONÇALVES<sup>2</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### Resumo

Este artigo busca cobrir uma falta importante nos estudos das ciências comunicativas gerado graças a uma definição de escopo. Como a língua era o objeto fundamental de estudos de Roman Jakobson, esse pesquisador classificou os modelos de tradução em três vertentes relacionadas à tradução de uma língua qualquer; a saber (1) tradução intralingual, (2) tradução interlingual e (3) tradução inter-semiótica. Como este estudo se eximiu de levantar outras classificações que se distanciassem da linguagem verbal, muito pouco se comenta sobre a existência de uma forma de tradução intra-semiótica. Levado pelo pensamento do próprio Jakobson, entretanto, não há motivos para não se encontrá-la e determinar o impacto que essa constatação gera sobre a classificação tradicionalmente empregada.

**Palavras-chave:** tradução; tradução intra-semiótica; Jakobson.

### A tradução em Jakobson

Um dos textos mais famosos dos estudos linguísticos é Aspectos Linguísticos da Tradução, escrito por Roman Jakobson, publicado originalmente em 1959 e no Brasil no clássico livro Linguística e Comunicação. Nele, o estudioso trata de diversas questões envolvendo a tradução de um determinado elemento linguístico, seja esse uma palavra ou uma sentença completa. Para entendê-lo, é preciso, portanto, ter uma noção básica da definição jakobsoniana de tradução. O trecho do mesmo texto onde sua concepção pode ser sintetizada discorre que:

“Para o lingüista como para o usuário comum das palavras, o significado do signo linguístico não é mais que sua tradução por

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 1º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPE, email: [pj.veras@gmail.com](mailto:pj.veras@gmail.com)



um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo `no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo`, como insistentemente afirmou Peirce, o mais profundo investigador da ciência dos signos” (JAKOBSON, 2007, p. 64)

Embora faça uma referência a Peirce, Jakobson deixa claro, em princípio, que tratará das traduções possíveis de serem empregadas ao signo linguístico e/ou a linguagem verbal<sup>3</sup>. Essa escolha já estava declarada no título do artigo e diz muito sobre o tipo de análise que será feita em todo o texto. Dessa forma, Jakobson vai discorrer sobre algumas preocupações pertinentes aos fenômenos envolvidos nos processos de tradução de uma estrutura linguística qualquer, brilhantemente.

Um aspecto importante a ser destacado nessa colocação é quanto ao que será chamado por ele de “equivalência na diferença”. Segundo Jakobson, a tradução não se constitui literalmente, de forma que o valor aplicado um determinado termo na língua original terá, obrigatoriamente, o mesmo valor no termo que o representa em outra língua. Para Jakobson, mesmo a sinonímia na mesma língua não se constituirá em igualdade. A tradução deve prezar, então, por uma equivalência fundamental entre o que se pretende expressar na construção inicial e aquilo que vai ser expresso na construção final, de forma a que os valores sejam próximos, mas não idênticos. Uma vez que, segundo a concepção saussureana, o valor linguístico de um signo varia de uma língua para outra, posto que este se dá em sua relação com os outros signos de sua língua.

Há um risco sobre essa concepção, a ideia de que o signo traduzido e o signo traduzante não possuem relação entre si. Uma vez que, como abordado acima, não há equivalência exata entre ambos os elementos, existe um ambiente fácil para essa conotação. Sobre a mesma percepção, o antropólogo Jean Pierre Warnier, em um texto intitulado “As culturas e a tradução”, chegou a afirmar que “As pessoas bilíngues e que participam de duas culturas, conhecem muito bem o problema: certas coisas que são expressas em uma língua não têm equivalente em outra.” (WARNIER, 2000, p. 15).

O pensamento de Jakobson não chega a esse extremo. Antes, faz crer que se uma construção linguística foi substituída por outra é porque esta possui para com aquela alguma equivalência, pois só assim é que a tradução pode se dar. Ainda que os valores não possam ser iguais, a segunda construção busca representar, o mais exatamente possível, àquilo que a primeira representava. Considere-se como exemplo a tradução do

---

<sup>3</sup>Dá-se preferência ao uso do termo linguagem verbal pela possibilidade de que o significado implícito ao conceito de signo linguístico esteja viciado pelo uso corrente em diferentes ramos da Linguística.



português “saudade” para o inglês “I miss you”, ou a expressão africana “banzo”. Perceba-se, ainda, que essa questão lança luz sobre a visão construída no texto sobre o significado das palavras. Saussure (2004) já havia levantado a ideia de que os conceitos pertencem as palavras e não aos objetos, pois, do contrário, elas teriam o mesmo significado em quaisquer línguas. O conceito de tradução ora mostrado é adepto dessa doutrina porque esta permite perceber essa diferença de valor entre duas sentenças.

Essa compreensão torna ainda mais refinada à proposta de Jakobson e é, por si só, bastante rica para concentrar estudos mais avançados do que o que se pretende aqui.

Uma vez compreendida a fundamentação por parte da noção de tradução a ser trabalhada, é preciso avançar rumo às classificações das traduções da linguagem verbal. JAKOBSON (2007, p. 64-65) irá definir três delas da seguinte forma:

- “1) A tradução intralingual ou reformulação (rewording) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de uma outra língua.
- 3) a tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de signos não verbais.”

Nesse momento, é preciso fazer um adendo significativo para continuar tratando da tradução em Jakobson. Um dos debates que se levanta nesse sentido é quanto à utilização da expressão “tradução propriamente dita” na definição da tradução interlingual. Ela parece querer dizer que está é a tradução verdadeira, e que as outras tem essa definição por analogia. De fato, foi a analogia que permitiu a conceituação desses fenômenos como “tradução”, não porque lhe faltassem outra nomenclatura, mas porque a primeira forma de tradução percebida e assim determinada foi a que se chama aqui de interlingual, aquela que ocorre entre duas línguas distintas.

O termo “tradução” não encontra leito no maior e mais tradicional dicionário de Linguística brasileiro. Pode-se recorrer a “traduzir” que assim se encontra no Dicionário de Linguística da Editora Cultrix (1998, p. 594): “Traduzir é enunciar numa outra língua (ou língua de chegada) o que foi enunciado numa língua-fonte, conservando as equivalências semânticas e estilísticas.”.

Apesar de “traduzir” designar somente a ação do tradutor, desse conceito, pode-se abstrair a visão ainda existente desse fenômeno como objeto puramente inter-



linguístico e que não abrange outras formas além da passagem de uma língua para a outra. Se o dicionário da Cultrix, o mais difundido no Brasil, traz somente a definição de “traduzir”, alguns outros dicionários linguísticos – e portanto especializados – sequer fazem menção ao tema. Possivelmente, essa visão muito pouco profunda da tradução é o que levou o pesquisador russo a melhor tratá-la em seu texto como “propriamente dita”, e não porque imaginasse ver nela uma formação única e verídica do que chama “tradução”.

Voltando ao pensamento de Jakobson, como esse está aplicado à linguagem verbal, ele se encaixa perfeitamente na classificação apresentada acima por encontrar embasamento nas formas de tradução de uma língua vivenciadas por qualquer um que se proponha a fazê-lo, já que este vai ter que optar por qualquer uma dessas operações:

- traduzia a língua na própria língua (tradução intralingual): é o que se encontra nos dicionários, nos sinônimos, ou nas construções que buscam explicar um determinado conceito através de elementos presentes na própria língua, como esta descrição.

- traduzir a língua em outra língua (tradução interlingual): é a tradução das legendas; quando se realiza a transcrição de uma expressão em uma determinada língua para uma expressão equivalente, mas, como visto, não correspondente, em outra língua.

- traduzir a língua em uma outra linguagem (tradução inter-semiótica): é quando uma construção da linguagem verbal vai ser reconstituída em outra linguagem qualquer. Neste caso, podemos aderir ao exemplo proposto pelo próprio Jakobson, dos muitos filmes inspirados em livros, por exemplo.

Entretanto, pode-se dizer que a tradução inter-semiótica possui uma essência mais ampla do que aquela trabalhada nessa definição?

### **A tradução inter-semiótica**

Aqui, vê-se o início do primeiro problema que a escolha de Jakobson sob a linguagem verbal coloca. A tradução inter-semiótica é trabalhada em seu texto como sendo apenas a passagem de um texto verbal para um sistema não verbal. Quando se pensa a nível semiótico hoje em dia, percebe-se, uma série de linguagens não verbais nos moldes do que se propunha como texto-destino para a tradução inter-semiótica. Mas graças ao enfoque dado por Jakobson, torna-se incomum tratar esses sistemas não verbais como texto-origem.



Jakobson descobriu Peirce antes de alguns de seus estudos mais importantes. E com ele, a semiótica. Em alguns dos textos mais significativos do teórico russo, portanto, existem referências diretas a Peirce e sua ciência geral de todas as linguagens (numa definição vã e incompleta do que se pode tratar por Semiótica). Ele está em “Aspectos Linguísticos da Tradução” em uma citação direta, mas também no embasamento teórico que constitui o pano de fundo da linguística de Jakobson. Saussure declarou que a Linguística é uma parte mais restrita de uma ciência mais ampla que trataria de todas as linguagens, a qual Jakobson – como muitos outros depois dele – encontraram na Semiótica.

Quando pensamos na tradução inter-semiótica, não podemos deixar de levar em consideração que na consciência de seu proponente, a linguagem verbal é apenas parte de um conjunto comunicacional mais amplo e complexo que é a junção de todas as formas de linguagem. E pensar a tradução inter-semiótica nesses moldes é acreditar que, num movimento mais amplo, ela é a forma de tradução de um sistema de linguagem para outro. Grandes estudiosos nos legaram a maestria dessa concepção.

Achamo-la primeiro em DERRIDA (2006, p; 23):

“A tradução intralingual interpreta signos linguísticos por meio de outros signos da mesma língua. Isso supõe evidentemente que se saiba, em última instância, como determinar rigorosamente a unidade e a identidade de uma língua, a forma decidível de seus limites. Existiria em seguida o que Jakobson chamou lindamente de tradução ‘propriamente dita’, a tradução interlingual que interpreta signos linguísticos por meio de outra língua, o que remete a mesma pressuposição da tradução intralingual. Existiria enfim a tradução intersemiótica ou transmutação que interpreta, *por exemplo*, signos linguísticos por meio de signos não linguísticos.” (grifo nosso)

Ao dizer que a transmutação de signos linguísticos em não linguísticos é apenas um dos exemplos das possibilidades da tradução inter-semiótica, Derrida está semeando aquela primeira dúvida e, ao mesmo tempo, aquela primeira ilação de que ao dizer semiótico, Jakobson esteja se referindo a todas as formas de linguagens. Por mais que Derrida não expresse diretamente, essa concepção pode ser percebida claramente em seu texto.

Mas é Umberto Eco quem primeiro expõe a questão da tradução inter-semiótica da forma que se defende neste trabalho:



“Falando de transmutação, Jakobson pensava na versão de um texto verbal para outro sistema semiótico (também em Jakobson 1960 os exemplos propostos são a tradução de O morro dos ventos uivantes em filme, de uma lenda medieval em afresco, de *L’Après Midi d’un faune*, de Mallarmé, em um balé e até da Odisséia em quadrinhos); mas não considerava como transmutação entre sistemas diferentes da língua verbal – por exemplo, a versão para balé do *Après midi de Debussy*, a interpretação de alguns quadros de uma exposição por meio da composição musical Quadros de uma exposição ou até mesmo a versão de uma pintura em palavras (écfrase).” (ECO, 2007, p. 266)

Neste trecho, Eco não só considera que a concepção de tradução inter-semiótica deveria envolver outros sistemas de linguagem não linguísticos, como parece sugerir que a visão jakobsoniana, de que a mesma tem como texto-origem sempre um texto verbal, é uma deficiência terminológica.

A tradução inter-semiótica pode ser entendida, portanto, como a passagem de uma linguagem para outra. Isso já extrapola o limite da linguagem verbal tratado por Jakobson. Uma vez que a linguagem verbal pode ser representada em imagens, é possível imaginar o contrário, alguém que se proponha a representar imagens na linguagem verbal. Eis o exemplo da descrição, por exemplo, um dos gêneros literários. Como propõe SANTAELLA (2001), a descrição não deixa de ser uma forma de se representar uma imagem, real ou fictícia, através da língua. Do mesmo modo, podemos nos permitir imaginar uma tradução inter-semiótica que utilize outras linguagens, diferentes do verbal. A dança, por exemplo, é uma forma de se representar, visualmente, uma linguagem sonora. Dentro do pensamento jakobsoniano, é possível ressaltar que a dança não possui o mesmo valor de significado que pode ser inferido a música que ela representa, mas possui uma certa equivalência, uma aproximação de sentidos, facilmente percebido pelo público presente em um espetáculo.

### **A tradução intra-semiótica**

Usando a base teórica levantada em relação à tradução inter-semiótica, podemos começar a construir o entendimento sobre o que seria a tradução intra-semiótica. Como já foi dito, nossa vida é permeada de diversas linguagens que se mesclam e se confundem. Os aspectos teóricos lançados sobre a teoria de Jakobson fazem crer que, numa definição mais plena, a tradução inter-semiótica seria uma forma de se traduzir



uma mensagem de uma dessas linguagens em outra. Fazendo uma analogia com a tradução intralingual, pode-se imaginar que a tradução intra-semiótica seria a nomenclatura dada a um fenômeno existente no ambiente comunicacional que muito se assemelha a reformulação. Ela seria a tradução de uma linguagem em si própria, numa tentativa de melhor representar a mensagem a ser passada. Do mesmo modo que usamos a tradução na linguagem verbal para tornar seu conteúdo mais acessível ao leitor, sem contudo abandonar o sistema de linguagem no qual o texto-original se encontrava, podemos fazê-lo com outras e infinitas formas de linguagem.

O próprio Umberto Eco reconhece esse fenômeno, ao tratar do texto da classificação jakobsoniana das traduções:

“Essa tríplice subdivisão abre caminho para muitas outras distinções. Como existe a reformulação no interior de uma mesma língua, assim também existem formas de reformulação (e rewording seria metáfora) no interior de outros sistemas semióticos, por exemplo, quando se tranpõe de tonalidade uma composição musical.” (ECO, 2007, p. 265-266)

Não é a primeira vez que esse fato é descrito, tampouco é a primeira vez que ele é determinado de tradução “intra-semiótica”. Sua solidez teórica é tamanha que alguns pesquisadores já utilizaram a noção de tradução intra-semiótica em seus trabalhos algumas vezes (em geral, ao lado de sua associativa inter-semiótica), sem levar a cabo sua concepção teórica ou mesmo perceber que a terminologia inexistia no artigo convencional ao qual se referiam. Dentre eles, podemos destacar os casos de FIORIN (1999) e OLIVEIRA (2007), cujos trabalhos citam a tradução intra-semiótica, em referência as mesmas noções teóricas adotadas aqui, sem contudo fazer uma definição metodológica do que ela seria.

A ilação direta entre a tradução intra-semiótica e o pensamento de Roman Jakobson foi feita pelo semiótico brasileiro Haroldo de Campos, amigo pessoal do linguista russo com quem comunga de muitas concepções teóricas. Em entrevista a revista Galáxia em 2001, quando perguntado sobre a semiótica jakobsoniana e a recodificação diz que:

“Eu acho que essa postulação tem abrigo na própria preocupação do Jakobson com os vários tipos de tradução, entre os quais estaria a tradução inter-semiótica e a intra-semiótica. O problema das traduções é também muito importante nas comunicações. (...) Voltando ao Jakobson e às traduções, pode-se dizer que, naturalmente, ele via a possibilidade desse fluxo



sígnico, dessa transcodificação dos códigos em diferentes modalidades sígnicas. Ele próprio decerne práticas poéticas em suportes diferentes, com técnicas gráficas ou de oralização diferentes.” (CAMPOS, 2001, p. 40-41)

O que provavelmente determina a falta desse fenômeno comunicativo no trabalho escrito de Jakobson, creio, foi à atenção dispensada por ele ao caráter linguístico de sua teoria da tradução. O que não quer dizer que o fenômeno da tradução intra-semiótica não possa ser facilmente identificado.

Veja-se o exemplo do cinema. Diversos filmes, ao longo da história da sétima arte, ganharam novas produções e foram re-filmados. Como preconizou Jakobson, a nova versão de King-Kong não é idêntica à primeira, mas traz consigo uma proximidade de significado que permite que uma seja considerada *remake*<sup>4</sup> da outra. Da mesma forma, pode se perceber que há uma tentativa de tornar a segunda versão mais compreensível para o público atual, reproduzindo o ideal de que uma tradução busca, sempre, uma forma melhor de expressar a mensagem anterior.

Escolher o cinema é, antes de tudo, escolher o argumento de Jakobson. Mas talvez não seja o meio de comunicação mais fácil para se abordar a ideia, uma vez que, nele, muitos elementos se confundem. Talvez seja mais simples propor uma correlação para a música, aferrada a linguagem sonora. Talvez nesse ambiente, a exemplificação seja ainda mais vasta, uma vez que a regravação de músicas por outros artistas é muito mais recorrente que seu paralelo no cinema. Da mesma forma que no caso do cinema, entretanto, os mesmos argumentos utilizados para definir uma tradução podem ser aplicáveis. Porque há uma outra mensagem comunicativa, que possui alguma equivalência com a anterior, mas não é idêntica; uma vez que mesmo com a manutenção da mesma letra e melodia, uma música executada por dois intérpretes diferentes nunca vai ser idêntica. Por se tratar de uma tradução, nos termos que a define Jakobson (substituição de um signo em outro em que se ache melhor desenvolvido), e por essa passagem se dar dentro de uma mesma linguagem, podemos incutir nela a concepção de tradução intra-semiótica.

Caso a música seja, ainda, uma linguagem deverás complexa para a exemplificação mais simplória do conceito apresentado, podemos recorrer, pela mesma analogia, a qualquer tipo de tradução que se realize dentro de uma mesma linguagem.

---

<sup>4</sup>Termo usado na indústria cinematográfica para designar a reconstituição de um filme produzido anteriormente.



Entendendo-se por tradução o fenômeno compreendido pelos fatores apontados por Jakobson: (1) substituição de um signo em outro e (2) equivalência, mais não igualdade, de valor. Empregando-se a fórmula em uma linguagem extremamente tradicional, como a escrita, podemos seguir o raciocínio de que, um resumo de um livro é uma tradução intra-semiótica. O resumo obedece, rigorosamente, o fenômeno anteriormente definido, na medida em que busca uma outra forma de passar a mesma mensagem e se manifesta dentro da mesma linguagem – a escrita. Isso demonstra a amplitude do conceito e a gama de ambientes comunicativos em que pode ser empregado sem prejuízo de sua fundamentação, por sinal muito básica.

A implicação da constatação anterior é, também, óbvia e, também, pouco percebida. Dentro da noção construída aqui de tradução intra-semiótica, cabe, com perfeição a conceituação dos dicionários e a transcrição de um texto em uma outra língua. É fácil perceber que eles obedecem à ideia de que estão substituindo um signo em outro mais completo dentro da mesma linguagem. Entretanto, não é a primeira vez que esses exemplos são dispostos neste texto; eles serviram, respectivamente, para identificar a tradução intralingual e a tradução inter-lingual. O que é a mesma coisa que dizer que essas duas categorias pertencem a uma categoria mais ampla, que é a tradução intra-semiótica.

Não se pode deixar de notar que Jakobson era um semioticista convicto. Para ele, como resultado de mais um legado saussureano em seu fazer científico, a linguagem verbal é uma categoria de todas as linguagens, motivo pelo qual a ciência da língua é uma parte da ciência geral dos signos. Não se pode eximir a noção jakobsoniana de tradução dessa concepção de que a língua é uma das linguagens e como tal, seus conceitos se tornam partes mais específicas (ainda que não menos importantes) de conceitos maiores, aplicáveis para todas as linguagens. Essa própria inteligência semiótica justifica a colocação das traduções linguais como partes específicas da tradução intra-semiótica, numa estrutura que pode ser esquematizada como abaixo:

- Tradução inter-semiótica
- Tradução intra-semiótica
  - Tradução interlingual
  - Tradução intralingual

## **Outras traduções**



A estrutura de classificação das traduções proposta acima vai muito além do caminho traçado por Jakobson. Ela permite que se classifique, em seu devido lugar dentro dos fenômenos comunicativos básicos, uma série de outras traduções ainda não conceituadas. O exemplo jakobsoniano dado para a tradução inter-semiótica, a adaptação de um livro ao cinema, pode ser enquadrado em um outro tipo de tradução ainda não previsto, definida como lingual-filmográfica, ou outra denominação mais apropriada. Não deixaria de ser um fenômeno menos verídico ou identificável em função disso, ainda que sua utilidade possa ser contestada. Mesmo assim, a possibilidade de prover um suporte para uma classificação completa das traduções está viva e pulsante em sua construção.

Há, contudo, um risco nessa sanha classificatória, que diz muito mais respeito à biologia que as ciências comunicativas, enquanto ciência. A classificação da tradução de uma música para uma coreografia, outro exemplo utilizado acima, poderia ser descrita como “tradução sonora-visual”, mas ainda não estaria exata, pois é possível conceber muitas outras formas de se traduzir um som em imagens, que não utilize o corpo como *media*. Isso demonstra que qualquer incursão nesse terreno deve ser precedida de uma análise cuidadosa.

Além disso, no tempo atual, cada vez mais linguagens híbridas têm surgido, desafiando as fronteiras entre as traduções semióticas. Outras concepções podem ser estudadas. A tradução de uma linguagem tradicional para uma linguagem híbrida pode ser encarada como uma forma de unificar duas (ou mais) traduções. Reconhecer que as traduções enquanto fenômeno podem atuar em conjunto, simultaneamente, gerando um produto comunicativo novo, ainda é um desafio a ser estudado mais profundamente. Esse argumento é suficiente para comprovar que talvez ainda haja um fosso sombrio no nosso conhecimento sígnico. Nada que altere, profundamente, o conceito de tradução proposto por Jakobson, ou a validade da tradução intra-semiótica. Enquanto o ser humano continuar sendo capaz de transformar uma mensagem em outra, a probabilidade de que ela exista, ao menos enquanto noção, é real e inextirpável. Talvez por isso o tempo que se tem perdido sem discuti-la seja tão caro para a compreensão dos fenômenos comunicativos.

## **Referências Bibliográficas**



CAMPOS, Haroldo de. **Semiótica como prática e não como escolástica**. Entrevistadores: Armando Sergio Prazeres, Irene Machado e Yvana Fechine. São Paulo: PUC-SP, 2001. Entrevista concedida a revista Galáxia. In: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/viewArticle/1264>. Acesso em 08/05/2011.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DICIONÁRIO de Linguística. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva**. In: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada – Delta, v.15 n.1. São Paulo: LAEL – PUC-SP, 1999.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2007. 24ª ed.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. **Literatura e as outras artes hoje: o texto traduzido**. In: Revista Letras, nº 34. Santa Maria: PPGL – UFSM, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004. 26ª ed.

SILVA, Denise Lima Gomes da. **Uma leitura da noção de valor lingüístico em Ferdinand de Saussure**. In: Revista de Letras, nº 10. Curitiba: DACEX – UTFPR, 2008.

WARNIER, Jean Pierre. **A mundialização da cultura**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.